

Representações visuais da cestaria Kaingang na Terra Indígena Carreteiro: o grafismo e seus significados.

Angelo Inácio Pohl / UFSM
Saul Eduardo Seiguer Milder / UFSM¹

Resumo: Este texto foi escrito a partir da Monografia intitulada “O uso da taquara na cultura kaingang: um estudo de caso em Etnoarqueologia na Terra Indígena Carreteiro”, na qual se buscou relacionar os itens identificados em Arqueologia e Etnografia, realizando uma articulação entre o registro dos grupos Kaingang do sul do Brasil, referente ao uso da planta denominada taquara, na Terra Indígena Carreteiro, além de buscar um entendimento dos registros etnográfico, etno-histórico e linguístico das sociedades Jê-meridionais: Kaingang e Xokleng.

Palavras-chave: Etnoarqueologia, Kaingang, Grafismo.

Introdução

Para tornar possível uma compreensão destas populações "pré-coloniais", o registro arqueológico deixado por estes grupos populacionais foi analisado do ponto de vista de sua dimensão simbólica, principalmente quando podia ser identificado como parte de um sistema de representações visuais (grafismos).

A partir disto, pode-se colocar as bases para a possível construção de uma ligação entre o presente e o passado da ocupação na T.I. Carreteiro e apresentar os elementos que são comuns, possibilitando uma aproximação entre ambos e verificando os pontos divergentes, tentando explicar estas diferenças.

Nos anos 1960, com o desenvolvimento da *Nova Arqueologia*, estabelece-se um paradigma que buscava explicações generalizantes, leis acerca do passado e, para tal, era necessária a constituição de um corpo teórico que fundamentasse a interpretação arqueológica. Esse corpo teórico foi fundamentado na antropologia, com a recuperação do evolucionismo cultural. A antropologia e a arqueologia estudariam o mesmo tipo de sociedades. A primeira estudaria as vivas, enquanto que a segunda estudaria as já fossilizadas ².

1 Coordenador do LEPA-UFSM, Orientador.

2 DÍEZ, G. M. José Alcino Tomé e . *O último ciclo artístico rupestre do Vale do Côa: Um caso de etnoarqueologia. Estudos Pré-Históricos*. [S.L.]: Viseu., 2003.

2

O objetivo era fazer com que a Arqueologia ultrapassasse a mera descrição de uma determinada realidade, para atingir a demonstração da existência de leis aplicáveis a essa mesma realidade³. É nesta perspectiva da arqueologia que se desenvolve a etnoarqueologia.

Em linhas gerais, o objetivo da Etnoarqueologia é fornecer os modelos teóricos de interpretação dos dados recolhidos pelo arqueólogo, para que se atinjam os comportamentos humanos subjacentes⁴. Ela permite ao arqueólogo estabelecer relações entre a cultura material por ele observada, e o comportamento, que lhe é inacessível⁵.

A Etnoarqueologia interpreta o registro arqueológico e para isto é necessário o pressuposto de que determinados comportamentos têm uma correlação material. Com esses vestígios materiais, o arqueólogo pode inferir os comportamentos que os originaram⁶. Para isso, é necessária a criação de um saber de referência⁷, que permite ao arqueólogo interpretar de forma idêntica vestígios materiais semelhantes. Neste sentido, assemelha-se muito à arqueologia experimental⁸.

Dessa forma, a base teórica da Etnoarqueologia é o uso de analogias, derivadas de observações no tempo presente, com o objetivo de interpretar acontecimentos ou processos passados⁹.

A comunidade indígena da área da T.I. Carreteiro é, em sua totalidade, pertencente à etnia Kaingang. Este povo está filiado à família lingüística Jê, do Tronco Lingüístico Macro-Jê, sendo o de maior população entre os povos Jê¹⁰.

Ocupava desde o início da conquista européia até fins dos séculos XIX extensas áreas de florestas de araucárias e campos nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (no Brasil) e *Misiones* (na Argentina). Apareceram na documentação colonial sob diversas denominações: *Camperos*, *Cavelludos*, *Coronados*, *Gualachos*, *Ibirayaras*, *Goi-anas*, *Guaianás*, *Guflanás* etc. Entre fins do século XIX e meados do século XX era comum,

3 BINFORD, L. R. "Archaeology as anthropology". *An archaeological perspective*. New York: Seminar Press., 1972.

4 DÍEZ, G. M. José Alcino Tomé e . *O último ciclo artístico rupestre do Vale do Côa: Um caso de etnoarqueologia. Estudos Pré-Históricos*. [S.L.]: Viseu., 2003.

5 TRIGGER, B. G. *A history of archaeological thought*. Cambridge: University Press, 1989.

6 KRAMER, C. *Ethnoarchaeology. Implications of ethnography to archaeology*, New York: Columbia University y Press, 1979.

7 DÍEZ, G. M. José Alcino Tomé e . *O último ciclo artístico rupestre do Vale do Côa: Um caso de etnoarqueologia. Estudos Pré-Históricos*. [S.L.]: Viseu., 2003.

8 Idem

9 WATSON, P. J. The idea of Ethnoarchaeology. Notes and comments. *Ethnoarchaeology. Implications of ethnography to archaeology* (C. Kramer ed.), New York: Columbia University Press, p. 277-287. 1979.

10 VEIGA, J. *Aspectos Fundamentais da Cultura Kaingang*, Campinas: Curt Nimuendajú., 2006.

3

também, serem referidos como *Coroados*, termo de certo modo genérico, também atribuído a outros povos indígenas com semelhante corte de cabelo característico. Com igual frequência, aparecem na documentação do século XIX, sobretudo sob a designação (genérica e pejorativa) de *Bugres*¹¹.

A presença da ocupação do planalto riograndense por grupos Kaingang remonta a tempos imemoriais, coincidindo com sua expansão pelas regiões de pinheirais. Entre as evidências arqueológicas dessa ocupação milenar estão os sítios de casas subterrâneas e as galerias subterrâneas a elas relacionadas que, no Rio Grande do Sul, são sítios localizados na encosta do Planalto, e sobre ele, sobretudo abundantes no triângulo que tem por vértices Passo Fundo, Vacaria e Caxias do Sul¹².

Juntamente com a cultura oral existe uma cultura material que também pode ser resgatada, a exemplo dos artefatos produzidos pelos kaingang. A fim de apreender o discurso sobre a cultura material a partir da produção de artefatos de taquara foi desenvolvido no trabalho referido acima questionamentos com interlocutores kaingang mais antigos da T.I. Carreteiro. Esta metodologia empregada, sem uma indução, possibilitou identificar superficialmente os grafismos presente na memória kaingang da T.I. Carreteiro.

Outra metodologia aplicada foi a confecção, por parte de algumas famílias daquela comunidade, de artefatos de taquara. Tal metodologia proporcionou o resgate da simbologia dos trançados e grafismos ocultos na memória dos kaingang daquele local.

Pretendeu-se realizar uma Etnoarqueologia do uso da taquara e dos grafismos Kaingang, articulando os registros arqueológicos e etnográficos, a partir de uma abordagem teórica cognitiva. Objetivou-se relacionar o uso da taquara na cultura dos kaingang da T. I. Carreteiro à luz da Etnoarqueologia e a integração de dados arqueológicos com informações históricas e etnográficas da comunidade.

Para alcançar o objetivo proposto foi realizado um estudo bibliográfico das características gerais do grafismo kaingang e um levantamento histórico dos significados da etnografia na cultura da planta denominada taquara na T.I. Carreteiro.

O grafismo e seus significados

11 VEIGA, J. *Aspectos Fundamentais da Cultura Kaingang*. Campinas: Curt Nimuendajú, . 2006.

12 Idem

4

É um desafio para a Arqueologia, especialmente relacionada aos grupos Jê-Bororo (Kaingang e Xokleing), tratar de sua cultura material, de suas formas de expressão visual, que é a própria questão da espacialidade, isto é, a capacidade de projetar no espaço a suas características sociológicas e cosmológicas.

Os Bororos, assim como os Xavantes, projetam no espaço de suas aldeias o seu dualismo como vistos na estruturação do espaço nas antigas aldeias presentes no planalto. Entre os Kaingang atuais, esse espaço ainda é marcado nos cemitérios onde KAMË e KAÏRU são sepultados a leste e a oeste respectivamente¹³.

A distribuição espacial em uma aldeia (das casas, das roças, florestas e espaço limpo) está relacionada aos padrões duais cosmológicos, é uma forma importante para entender as categorias dos grupos KAMË e KAÏRU. Nesse sentido, existe a possibilidade de resgatar da memória Kaingang muitas informações de artefatos, confecções de artefatos e de estruturas presentes nos registros arqueológicos. Toda a cosmologia, os animais, os objetos e formas da natureza são, ou KAMË ou KAÏRU. Todas as formas redondas, baixas, que são fechadas sobre si mesmas são KAÏRU, e, todas as formas compridas, abertas, leves, que não tem fim, são KAMË.

A dualidade pode ser interpretada a partir do ponto de vista lingüístico, onde existem as duas categorias: *ror* (KAÏRU) e *téi* (KAMË). Isso pode ser visto na forma dos cestos de taquara, que podem ser *ror* (baixo e redondo) ou *téi* (alto, sem fim e comprido).

O grafismo kaingang pode ocorrer em diferentes formas, ocupando variadas funções na cultura da população indígena. Ocorre nos trançados, tecidos, armas, utensílios feitos em cabaça, troncos de pinheiros e nos corpos de kaingang, como discutido na literatura, a exemplo de Silva¹⁴.

O grafismo presente nos materiais etnográficos dos kaingang, e principalmente os trançados, constituem-se em referências visuais claras de sua identidade cultural em relação à sociedade envolvente, seja ela a dos brancos ou de outra etnia indígena.

No âmbito de sua exterioridade aparente (roupas, comportamento etc.) os kaingang não se distinguem da população branca de baixa renda, mesmo que o biótipo indígena esteja fortemente marcado. Esta exterioridade serve na maioria dos casos para negar a identidade indí-

13 SILVA, Sergio Baptista da. Refletindo sobre a cultura material e os grafismos kaingang: possibilidades para a interpretação arqueológica.. Xokleing 2860 a.C. *As terras altas do sul do Brasil: transcrições do Seminário de Arqueologia e Etnohistória*, v.1, p. 124-154. 2006.

14 SILVA, S. B. *Etnoarqueologia dos grafismos "Kaingang": um modelo para a compreensão das sociedades Pré - Jê meridionais*. 2001. Tese (Doutorado em Arqueologia) FFLCH/USP, São Paulo, 2001.

5

gena frente à sociedade regional ou urbana que poucas vezes é capaz de identificar a cultura e modo de vida kaingang. Por outro lado, os seus trançados são marcas visíveis de uma cultura marcadamente identificada pelos kaingang.

O trabalho realizado na T.I. Carreteiro demonstra esta identidade que serve nos dias atuais quase que unicamente como fonte de renda. A cosmovisão da dualidade está preservada apenas na memória dos mais velhos.

Cultura Material e Grafismo Kaingang

O uso da planta denominada taquara é bastante amplo na cultura kaingang, estando relacionado não só à confecção de artefatos, mas participando do cotidiano e da memória cultural.

As técnicas de confecção dos cestos constituem exemplo do grafismo da dualidade da lógica Kaingang. O início do cesto (*Nigu ni*) pode ser com tiras afastadas (*ti kuká*) ou tiras próximas. Com tiras muito afastadas são criados elementos abertos, mostrando uma técnica *téi*. Cestos com *Nigu ni* (tiras iniciais) muito fechado, as *ti kuká* (tiras afastadas) representaram um cesto baixo e redondo (*ror*).

Segundo Silva¹⁵, os kaingang classificam seus cestos (*kre*) segundo sua morfologia ou ainda de acordo com sua função. Por exemplo, existem três formas básicas: *kre téi* (cesto comprido ou longo), *kre rór* (cesto redondo ou baixo) e *kre kōpó* (cesto quadrado).

Todos os cestos utilizados neste estudo da T. I. Carreteiro, podem ser classificados em sua forma como *kre téi* (cesto comprido ou longo) (Fig. 1). A expressão visual representada pelas formas básicas de classificação dos cestos remete diretamente à cosmovisão dualística da sociedade kaingang, onde os cestos compridos/longos (*kre téi*) estão relacionados ao vocábulo *téi* referente à metade KAMË. Por outro lado, a forma redonda/baixa (*kre rór*) e o vocábulo *rór* está vinculado a KAÏRU.

Na figura 1, apresenta-se a classificação de cestos (*kre*) segundo sua morfologia. Os cestos encomendados às famílias da T. I. Carreteiro, podem ser classificados em sua forma como *kre téi* (cesto comprido ou longo).

15 SILVA, S. B. *Etnoarqueologia dos grafismos "Kaingang": um modelo para a compreensão das sociedades Pré - Jê meridionais*. 2001. Tese (Doutorado em Arqueologia) FFLCH/USP, São Paulo, 2001.



Figura 1

Como discutido por Silva¹⁶, a morfologia ou forma dos artefatos em taquara (se comprido/longo ou redondo/baixo) não são relevantes para definir a posição (pertencentes KAMË ou KAÏRU) de um membro da sociedade kaingang. Neste contexto, o grafismo se sobressai sobre o morfológico, já que diferentes objetos, dependendo da sua função, estarão presentes no cotidiano dos indivíduos.

Em outras palavras, é o nível gráfico das representações visuais, e não a sua forma, que vai definir a quem ele está identificado¹⁷. Assim, à luz da etnoarqueologia, seria possível a reconstrução das metades (da cosmovisão kaingang) a partir do grafismo representado nos artefatos.

Tipos de trançado

Na confecção de cestos, as marcas *teilrór* podem ser representadas nos tipos de trançados utilizados, que são dependentes fundamentalmente da matéria-prima em uso: taquara e/ou cipó. Silva¹⁸ demonstra em sua pesquisa que não há registros no passado de cestos confeccionados em cipó, e há relato de um cesto confeccionado no Rio Grande do Sul em folhas de palmeira.

É notório nos relatos da T.I. Carreiro que hoje as técnicas de cestaria, quanto ao uso da matéria-prima, são dependentes das exigências de mercado, ou seja, a demanda das encomendas da comunidade vizinha ou visitante que passa por lá. Os indivíduos que produzem artefa-

16 SILVA, S. B. *Etnoarqueologia dos grafismos "Kaingang": um modelo para a compreensão das sociedades Pré - Jê meridionais*. 2001. Tese (Doutorado em Arqueologia) FFLCH/USP, São Paulo, 2001.

17 Idem

18 Idem

7

tos para auxiliar na renda familiar utilizam o material conforme sua disponibilidade, muitas vezes buscando fora da terra indígena já que esta não se apresenta em condição ecologicamente sustentável¹⁹.

Independente do uso de diferentes matérias-prima, ou o uso de cores diversas, a técnica de confecção de trançado pode imprimir ao cesto grafismos *téi* ou *rór*. Estes grafismos são estabelecidos no início da confecção a partir da base do cesto, conforme a disposição das tiras de taquara²⁰.

Com referência ao tipo de trançado empregado na confecção dos cestos encomendados pelos pesquisadores as seis famílias da T.I. Carreteiro, todos (excetuando-se as tampas) configuram trançados com marca *rór*, chamados *wõfy ra rór*, que significa trançado/fechado, vinculado a metade KAÏRU. Na figura 2, apresenta-se detalhe do tipo de trançado fechado (*wõfy ra rór*) confeccionados nos cestos encomendados à comunidade da T.I. Carreteiro.

Estas informações puderam ser inferidas utilizando o produto final contrastado com o material disponível na bibliografia utilizada. Nas entrevistas realizadas na terra indígena não foi possível resgatar tais informações.



Figura 2

Características gerais do grafismo kaingang

19 VEIGA, Juracilda; LEAL, L. A.; BOELTER, Ruben Alexandre. *Caracterização antropológica e ambiental prévia dos povos e da Terra Indígena Carreteiro – RS: Estudos etnoecológicos da Terra Indígena Carreteiro situada na área de influencia indireta da LT 230 kV Campos Novos – Santa Marta (Produto Final IV e VI)*, Brasília: FUNAI, 2005.

20 SILVA, S. B. *Etnoarqueologia dos grafismos "Kaingang": um modelo para a compreensão das sociedades Pré - Jê meridionais*. 2001. Tese (Doutorado em Arqueologia) FFLCH/USP, São Paulo, 2001.

8

O grafismo (chamado de *kong-gãr*²¹), assim como os demais componentes da cultura kaingang, apresenta-se em forma dualística, com princípios de bipolaridade contrastiva e complementar. Os dois tipos básicos de *kong-gãr*, apontados por Silva²², para os povos do Rio Grande do Sul são os *ra téi* (KAMË) e o *ra rór* (KAÏRU), tendo o primeiro características como: comprida, aberta e sem fim e; o segundo com características redondas (quadrangulares devido à confecção dos trançados) e fechadas.

As marcas de grafismo, tanto as *ra téi* quanto as *ra rór*, possuem vários nomes, conforme a sua diferenciação interespecífica e são demonstradas amplamente na literatura consultada. No entanto, os interlocutores entrevistados não deram indícios desta memória cultural, e as entrevistas livres e abertas não proporcionaram tal aprofundamento.

Por indução, atribuí-se que quatro dos cestos confeccionados (especificamente para a pesquisa) apresentam marcas *ra rór* (fechadas) (fig. 3, A-D), enquanto que os outros dois (Fig. 3, A e B) apresentam marcas *ra téi* (abertas)²³.

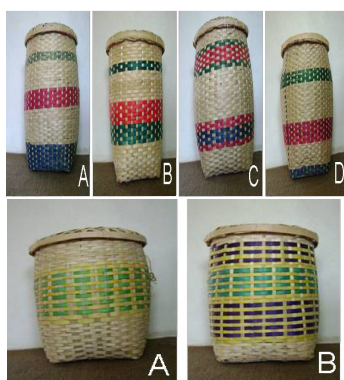


Figura 3

Na amostra, quatro dos cestos (*kre*), com trançados fechados (*wõfy ra rór*) e grafismo fechado (*kong-gãr ra rór*), pode ser identificada afirmativamente a marca gráfica descrita por Silva (2001) como *ra rór tuxigxá* (traduzida como marcas emendadas de KAÏRU) (fig. 4). Nos outros dois *kre* com *wõfy ra rór* o *kong-gãr* apresentado é *ra téi*, com retângulos compridos e aberto entre si.

21 Discutido amplamente por Silva (2001) onde discorre também sobre a complexidade de nomes e subdivisões de grafismo presentes na cultura dos povos do estado de Santa Catarina. Aqueles presentes no Rio Grande do Sul parecem ser mais simples (VEIGA apud SILVA, 2001), talvez pela constante perda de identidade destes últimos.

22 SILVA, S. B. *Etnoarqueologia dos grafismos "Kaingang": um modelo para a compreensão das sociedades Pré - Jê meridionais*. 2001. Tese (Doutorado em Arqueologia) FFLCH/USP, São Paulo, 2001.

23 Vale lembrar que, como já foi dito anteriormente, todos os seis cestos apresentam *wõfy ra rór*, ou seja, tipos de trançados fechados.



Figura 4: Acima detalhe de grafismo *ra rór tuxigxá*. Abaixo detalhe *kong-gãr ra téi* (grafismo retangular, comprido/aberto).

Todos os cestos produzidos na amostra possuem tampas (*kritã*), e três delas apresentam trançado *ra rór* e grafismo *ra téi*. As outras três possuem um trançado *nog noro*, traduzido como linhas horizontais e diagonais paralelas entre si²⁴ e podem ser atribuídos a *ra téi* (comprido/aberto/sem fim), sendo que uma delas apresenta grafismo *ra téi* (fig.5).

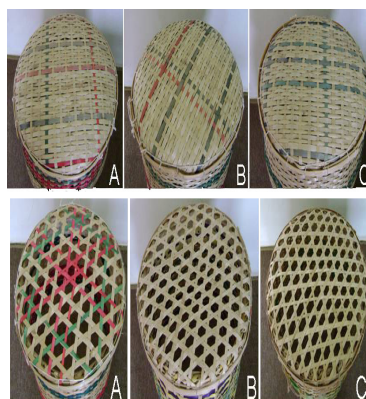


Figura 5, A - C (em cima): três tampas (*kritã*) apresentando trançado *ra rór* e grafismo *ra téi*. A - C (em baixo): três tampas apresentando trançado *nog noro* (linhas horizontais e diagonais paralelas entre si), atribuídos a *ra téi* (comprido/aberto/sem fim).

Em Veiga *et al*²⁵, foram levantadas as marcas da bipolarização de complementaridade dualística (KAMË e KAÏRU) das famílias na T.I. Carreteiro. Na maioria delas não pôde ser resgatada esta informação. Quando relacionados os cestos com a dualidade das famílias que

24 CAVALCANTE, A. L. B. L.; PAGNOSSIM, C. M. C. Estudo da Sintaxe da Linguagem Visual na Cestaria Kaingáng. *Anais do Congresso Internacional de Pesquisa em Design*, v.1. 2007.

25 VEIGA, Juracilda; LEAL, L. A.; BOELTER, Ruben Alexandre. *Caracterização antropológica e ambiental prévia dos povos e da Terra Indígena Carreteiro – RS: Estudos etnoecológicos da Terra Indígena Carreteiro situada na área de influencia indireta da LT 230 kV Campos Novos – Santa Marta (Produto Final IV e VI)*, Brasília: FUNAI, 2005.

10

os confeccionaram, duas delas confirmam pertencer a uma das metades, nesse caso as famílias Daniel e Da Silva à KAÏRU (fig. 3, A, C e D).

A Etnoarqueologia pode servir de ferramenta para recuperar informações perdidas, pois, através dos artefatos, aqui representado por cestos, pôde-se buscar parte da cultura kaingang da T. I Carreteiro. Um exemplo disso são as famílias Félix e Silveira que não informaram a que metade pertenciam²⁶, portanto foram inferidas através do seu grafismo à KAÏRU e KAMË, respectivamente.

Alguns artefatos podem constituir uma fusão de elementos entre as duas metades chamadas de *ra iãnhia*²⁷ (marca misturada²⁸) (SILVA, 2001).

Nos cestos confeccionados para a presente pesquisa, foram constatados um *kre*, com bojo apresentando marcas *ra rór* e um *kritã* com marca *ra téi*. Esta configuração que mistura em um mesmo cesto as duas metades indica que uma mulher pertencente à metade KAMË (representada pela tampa) constituiu uma união com um homem KAÏRU (representado pelo bojo do cesto)²⁹.

Os kaingang do Rio Grande do Sul são considerados um exemplo etnográfico perfeito, porque até muito pouco tempo atrás conservavam o sistema Jê-meridional de representação apenas em seus trançados³⁰. Os grafismos representados em painéis rupestres, tecidos, cerâmicas e flechas, não são mais realizados nos dias atuais, no entanto persistem principalmente em suas cestas e trançados. Como discutido por Silva³¹, outras formas de representação deste grafismo podem ressurgir, como por exemplo, pinturas corporais.

A condição atual da T.I. Carreteiro como uma das menores terras indígenas do país³² retrata bem esta situação discutida anteriormente. A condição de não sustentabilidade ambiental da T.I. Carreteiro conduziu a uma fragmentação da identidade cultural e a uma perda parcial da cultura oral.

²⁶ Idem

²⁷ SILVA, S. B. *Etnoarqueologia dos grafismos "Kaingang": um modelo para a compreensão das sociedades Pré - Jê meridionais*. 2001. Tese (Doutorado em Arqueologia) FFLCH/USP, São Paulo, 2001.

²⁸ Silva (2001) relata ainda que esta mistura de marcas é mais comum na pintura corporal, indicando um indivíduo com autoridade sobre as duas metades.

²⁹ SILVA, S. B. *Etnoarqueologia dos grafismos "Kaingang": um modelo para a compreensão das sociedades Pré - Jê meridionais*. 2001. Tese (Doutorado em Arqueologia) FFLCH/USP, São Paulo, 2001.

³⁰ Idem

³¹ Idem

³² VEIGA, Juracilda; LEAL, L. A.; BOELTER, Ruben Alexandre. *Caracterização antropológica e ambiental prévia dos povos e da Terra Indígena Carreteiro - RS: Estudos etnoecológicos da Terra Indígena Carreteiro situada na área de influência indireta da LT 230 kV Campos Novos - Santa Marta (Produto Final IV e VI)*, Brasília: FUNAI. 2005.

11

Os interlocutores que foram entrevistados não mais identificavam grafismos presentes nos cestos por eles mesmos confeccionados e nem ao menos puderam identificar a qual das metades cosmológicas suas famílias pertenciam. Por outro lado, estas famílias ao produzirem os cestos para comercialização, inconscientemente preservam e retratam o trançado e o grafismo kaingang, que ainda guarda um padrão enraizado na dualidade de KAMË e KAÏRU.

Em situações de perda cultural mais avançada, estes padrões de dualidade perdem-se e o grafismo é chamado simplesmente de *wõfy xinui*, e está relacionado basicamente a beleza do trançado e do grafismo³³.

Essa cultura “recalcada” supõe o conceito de inconsciente étnico introduzido por Georges Devereux³⁴, que se apresenta materializado em algumas atividades praticadas pelo grupo social na forma de atos comuns com os outros da mesma cultura, do tipo formas gráficas e plásticas, por exemplo, presentes nas expressões artísticas desse grupo, que, remetem a formações simbólicas subjacentes a consciência dos indivíduos, mas, cujo significado cultural está encoberto por formações que forçam ao esquecimento, colocando estes conteúdos semiológicos num plano de latência.

Ocorre então, aquilo que Adams³⁵ coloca como inconsciente étnico, ou seja, conteúdos reprimidos transmitidos de geração a geração e compartilhados em um mesmo grupo, acrescidos de outros elementos que se agregaram a esse inconsciente oriundos das mudanças estruturais as quais o grupo foi submetido. Trata-se de um inconsciente cultural, estímulo que atua diretamente na auto percepção e auto estima, porém, não passa pelo crivo de uma análise objetiva de suas características por parte do grupo envolvido.

Conforme Adams³⁶, esta é uma característica de grupos dominados que vivem a margem de uma sociedade dominante, mas, que atuam no sentido de preservar alguns conteúdos concretos de sua cultura. No presente caso, essa resistência se dá de forma implícita e inconsciente, pela manutenção de um costume cujas raízes foram esquecidas.

CONCLUSÃO

33 SILVA, S. B. *Etnoarqueologia dos grafismos "Kaingang": um modelo para a compreensão das sociedades Pré - Jê meridionais*. 2001. Tese (Doutorado em Arqueologia) FFLCH/USP, São Paulo, 2001.

34 DEVEREUX, G. *Essais d'Ethnopsychiatrie générale*, Paris: Ed. Gallimard, 1977

35 ADAMS, Michael Vannoy. *The Mythological Unconscious*. Karnac: New York, London, 2001.

36 Idem

12

O que se pode inferir nesse trabalho sobre a classificação dos grafismos kaingang quanto a sua forma é que esta se fundamenta nos pares opostos comprido/redondo ou aberto/fechado que correspondem à bipolarização complementar da cosmologia KAMÊ/KAÏRU.

A taquara é utilizada amplamente na cultura kaingang da T. I. Carreteiro, não só nos utensílios confeccionados a partir de trançados, como também na oralidade e memória dos mais antigos.

Apesar de existirem três tipos de taquaras que podem ser utilizadas pela comunidade da T.I. Carreteiro, constatou-se que, no presente é utilizada apenas uma espécie de taquara. O espaço físico da terra indígena influenciou esta tendência.

Verificou-se através dos diálogos com os interlocutores a preocupação pela conservação ambiental da área da T.I. Carreteiro, bem como de seu entorno, que por consequência, conserva as espécies naturais, dentre elas as taquaras.

A representação da dualidade das metades está presente nos mais diversos tipos de grafismos (painéis rupestres, tecidos, cerâmicas e flechas), persistindo nos dias atuais principalmente nos trançados e nas cestas. Logo, esta cultura da dualidade ainda existe, pois suas bases se unem ao eixo cultural dos povos Jê-meridional do sul do Brasil, embora não esteja explícita por todos os interlocutores da área em questão, conforme demonstrada no decorrer deste estudo.

Na T. I. Carreteiro a cultura oral e material pôde ser evidenciada e resgatada, no trançado e no grafismo dos cestos, visto que a prática da confecção de artefatos de taquara é passada de uma geração a outra.

Pôde-se também, constatar que muitos indivíduos produzem utensílios de taquara baseados na técnica de trançar e no grafismo referente a uma das metades (KAMÊ/KAÏRU), ainda que não saibam identificar a qual metade eles mesmos pertencem.

Além da perda da identificação da cosmovisão nos trançados e grafismos, há uma perda na terminologia dos utensílios que ao invés de serem chamados em nomes kaingang recebem atribuição de nomes utilizados pela comunidade do entorno.

Na área de estudo, o grafismo e os trançados constituem-se em referências visuais claras da identidade cultural, fortemente identificada pelos kaingang em relação à sociedade envolvente.

13

A prática dos trançados serve como fonte de renda das famílias e manteve-se não só para as condições básicas de sobrevivência humana, como também para a “sobrevivência” cultural de toda uma etnia que sofreu no passado um complexo processo de contato.

Os processos pós-conquista tiveram forte impacto sobre as formas sociais nativas, assim como a ciência e gerência coloniais deram nome e realidade a entidades muitas vezes inexistentes ou empiricamente indiferentes à definição. Isso não quer dizer que, os modos indígenas de constituição de grupos e redes sociais não possam ser estudados hoje e, mais do que isso, que eles não estejam em operação, ainda que aplicados a realidades e contextos diversos, muitas vezes, inclusive de forma inconsciente por parte do praticante.

A prática do trançado dos cestos e sua significação gráfica poderão vir a servir como estímulo para o resgate parcial da cultura kaingang da comunidade da T.I. Carreteiro, que deverá ser pesquisada e testada à luz da etnoarqueologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, Michael Vannoy. *The Mythological Unconscious*. Karnac: New York, London, 2001.
- BINFORD, L. R. "Archaeology as anthropology". *An archaeological perspective*. New York: Seminar Press., 1972.
- CAVALCANTE, A. L. B. L.; PAGNOSSIM, C. M. C. Estudo da Sintaxe da Linguagem Visual na Cestaria Kaingáng. *Anais do Congresso Internacional de Pesquisa em Design*, v.1. 2007.
- DEVEREUX, G. *Essais d'Ethnopsychiatrie générale*. Paris: Ed. Gallimard, 1977
- DÍEZ, G. M. José Alcino Tomé e. *O último ciclo artístico rupestre do Vale do Côa: Um caso de etnoarqueologia. Estudos Pré-Históricos*. [S.L.]: Viseu, 2003.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- KRAMER, C. *Ethnoarchaeology. Implications of ethnography to archaeology*, New York: Columbia University y Press, 1979.
- SILVA, S. B. *Etnoarqueologia dos grafismos "Kaingang": um modelo para a compreensão das sociedades Pré - Jê meridionais*. 2001. Tese (Doutorado em Arqueologia) FFLCH/USP, São Paulo, 2001.
- TRIGGER, B. G. *A history of archaeological thought*. Cambridge: University Press, 1989.
- VEIGA, Juracilda. *Revisão dos Limites da Terra Indígena Xaçepó (SC), no Pinhalzinho (Gleba A) e Canhadão (Gleba B)*. GT FUNAI Portaria 728/PRES/ 175/PRES de 05 de março de 2002. Brasília: FUNAI. 2003
- VEIGA, J. *Aspectos Fundamentais da Cultura Kaingang*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2006.
- VEIGA, Juracilda; LEAL, L. A.; BOELTER, Ruben Alexandre. *Caracterização antropológica e ambiental prévia dos povos e da Terra Indígena Carreteiro – RS: Estudos etnoecológicos da Terra Indígena Carreteiro situada na área de influencia indireta da LT 230 kV Campos Novos – Santa Marta (Produto Final IV e VI)*, Brasília: FUNAI. 2005.

14

WATSON, P. J. *The idea of Ethnoarchaeology. Notes and comments. Ethnoarchaeology. Implications of ethnography to archaeology* (C. Kramer ed.), New York: Columbia University Press, p. 277-287. 1979.